



NATIONAL SENIOR CERTIFICATE EXAMINATION
NOVEMBER 2022

PORTUGUESE FIRST ADDITIONAL LANGUAGE: PAPER II

MARKING GUIDELINES

Time: 2 hours

70 marks

These marking guidelines are prepared for use by examiners and sub-examiners, all of whom are required to attend a standardisation meeting to ensure that the guidelines are consistently interpreted and applied in the marking of candidates' scripts.

The IEB will not enter into any discussions or correspondence about any marking guidelines. It is acknowledged that there may be different views about some matters of emphasis or detail in the guidelines. It is also recognised that, without the benefit of attendance at a standardisation meeting, there may be different interpretations of the application of the marking guidelines.

Responda apenas a **duas** perguntas: a um ensaio e a uma pergunta direcionada.

SECÇÃO A ROMANCE / NOVEL

O último voo do flamingo, Mia Couto

PERGUNTA 1

- 1.1 Espaço – Tizangara, vila no norte de Moçambique
Tempo – depois da guerra civil, durante a permanência dos capacetes azuis no país para manter a paz após o acordo assinado entre a Frelimo e a Renamo.
- 1.2 Narrador tradutor, Massimo Risi, Temporina, Administrador de posto, Zeca Andorinho, Padre Muhando, Sulplício, Ana Deusqueira.
- 1.3 Deixa-se a personagem à escolha do aluno, que deve demonstrar conhecimento na resposta que apresentar.
- 1.4 Mia Couto altera a língua portuguesa de maneira muito criativa. Por um lado aproxima-a do tipo de linguagem que se adapta aos conhecimentos e contextos em que o povo vive. Por outro lado, o contacto entre as línguas banto faladas em Moçambique e a língua portuguesa propicia palavras novas adaptadas a conceitos que não existem na portuguesa. Acrescenta-se ainda a alteração das palavras para que melhor conotem os acontecimentos, como é o caso de «A gentania se agitava ...», veiculando a agitação que se criara, semelhante à intensidade da agitação do vento (ventania). A renovação da linguagem mediante o neologismo enfatiza realidades políticas, sociais e económicas. Mia Couto tem também a intenção de se afastar da língua portuguesa como nas palavras «vocabuliam-se» (a partir das palavras 'vocabulary' e 'vocabulo'), «instantaneavam» (de 'instantâneo') e «bazarinhando» (de 'bazar'), dando-lhes um novo significado. Como o narrador homodiegético de *O Último Voo do Flamingo* afirma, "o que se passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram (pág.11)", justificando, deste modo, a produção de novos termos.
- 1.5 Os soldados da Nações Unidas começam a explodir, deles restando apenas os pénis, encontrados ao pé das boinas azuis usadas pelas forças das Nações Unidas. Este acontecimento enfatiza a indignação e revolta contra a intervenção estrangeira e a falta de poder governativo no país, visualizadas através das explosões conotativas da desejada expulsão do domínio estrangeiro e da purificação das autoridades. Os pénis decepados representam a castração do poder estrangeiro, veiculando a sua incapacidade de reprodução, que daria origem a uma identidade influenciada pelo exterior. O dito de Tizangara concretiza-se no momento em que o povo sofrido atinge o limite da tolerância tanto da influência estrangeira como dos abusos do administrador Jonas – representante das autoridades governativas do país – que enriquece, voltando a repor as minas deixadas pela guerra civil que já tinham sido retiradas, para que os subsídios estrangeiros não terminem.

- 1.6 A expressão Nação-Mina é uma dicotomia que aponta para minas reais, e uma mina irreal. Por um lado, refere-se às minas enterradas no espaço em que decorrerá a guerra civil, que explodiam quando acionadas pelos inocentes habitantes que sobre elas passavam, matando-os e mutilando-os. Por outro lado, refere a crescente revolta do povo contra os abusos das autoridades moçambicanas, e contra a imposição de soldados da ONU para manterem a paz no país após a assinatura do acordo entre a Frelimo e a Renamo, representantes do poder estrangeiro que se estabelecia em Moçambique.
- 1.7 Massimo Risi mergulha em situações que o levam às próprias raízes da cultura moçambicana, onde o irreal, o sobrenatural, é pelo povo considerado natural, fazendo parte da sua vida diária, bem visível no exemplo que se segue: "— O seu amigo branco que tenha muito cuidado com essa velha [Temporina]. [...] — Ela é uma dessas que anda, mas não leva a sombra com ela (pág. 41)". Obviamente, há um estranhamento por parte do europeu. O seu relacionamento com o narrador do livro, com Temporina e outras personagens, fá-lo compreender o que é a identidade nacional, notando a diferença entre os dois mundos: o seu e o local. Risi vai-se integrando na cultura local, na maneira de viver, no mistério das explosões que só a cultura local pode decifrar. Habitua-se a um modo novo de ver as coisas, gradualmente afasta-se dos seus valores eurocêtricos, os quais pouco valem naquele universo mágico.

Risi põe-se na pele dos habitantes do lugar, compreende a revolta do povo e a necessidade de Moçambique se libertar da influência exterior, e aprender a resolver sozinho todas as questões que se interpusessem no seu futuro. A africanização, isto é, a aceitação da cultura africana faz-se notar quando Risi, no fim da trama, se desfaz da folha em que redigira o relatório para a ONU, sabendo de antemão que os indivíduos das Nações Unidas não compreenderiam a atitude a tomar com respeito a uma nação que, até à data, sempre dependera do exterior para resolver os seus problemas. A sua resposta *Esperar por outro voo do flamingo. Há-de vir um outro*, mostra um indivíduo que compreende a cultura local, que há forças que não pode explicar, e aceita a crença de um amanhã cheio de esperança com o regresso do flamingo e a concretização dos ideais da luta de libertação.

OU

PERGUNTA 2

Na exposição, espera-se que o seguinte seja abordado:

O narrador é um tradutor de culturas – porque estudara numa escola de influência ocidental, e conhece a cultura do povo. Devido à duplicidade de conhecimentos, tem a função de dar voz ao país, isto é, de reconstruir para Risi – e para o leitor – o Moçambique após a guerra civil, caracterizado pela pobreza e falta de recursos. É ele que estabelece a ponte entre as tradições orais e a escrita, isto é, a ponte entre os antecedentes que provocaram a insatisfação do povo e levaram aos rebentamentos, para que Massimo Risi compreendesse quão diferente era o universo em que penetrara. As suas palavras no princípio do livro, 'o que se passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram', salientam o seu distanciamento da função habitual de um tradutor de traduzir para a língua alvo, visto a sua missão se dirigir para além do concreto, envolvendo a recuperação de tradições, mitos e lendas esquecidos devido aos anos de guerra. É o tradutor de culturas e de espaços.

SECÇÃO B PEÇA DE TEATRO / DRAMA

Deus lhe pague, Joracy Camargo

PERGUNTA 3

Recorde a peça de teatro que estudou durante o ano e responda às perguntas.

- 3.1 O chefe de Juca tem conhecimento que Juca tinha inventado algo que diminuiria o número de operários, pelo que deseja apoderar-se dessa invenção. Sabe que ele fica até mais tarde na fábrica a trabalhar no seu projeto, assim vai a casa de Juca sabendo que ele não se encontra lá, para se apoderar dos planos da invenção. Juca tenta reavê-los mais tarde mas, nessa ação, é acusado de ladrão, preso e condenado. É esta injustiça que o leva a ser Mendigo para cobrar da sociedade o que esta lhe devia, de acordo com o seu ponto de vista, visto que as pessoas a quem pedia esmola pertencem todas à classe social do Senhor, à classe dos exploradores, daqueles que se aproveitam dos mais fracos.
- 3.2 O Senhor, como é designado no drama o chefe de Juca, sabe que apenas a esposa de Juca se encontra em casa, e aproveita-se da sua simplicidade. Maria mostra ser uma mulher muito simples, sem instrução, ignorante. A maneira do chefe se dirigir a Maria e esta a ele demonstra o abismo social que havia entre as classes. Maria é facilmente manipulada e explorada sem se dar conta disso, sem se aperceber da malícia e dissimulação a que estava a ser sujeita. Ingénua, deixa-se conduzir pelo Senhor, que não tem escrúpulos, divulga o segredo do marido, e entrega os planos ao chefe. Quando Juca regressa e a esposa lhe diz que entregara os planos ao Senhor, ela enlouquece com o choque ao ter a consciência do que tinha feito.
- 3.3 Maria passa anos num manicómio, porém consegue fugir. O Mendigo, que a visitara muitas vezes depois de ter sido libertado, depois da fuga de Maria, não soubera mais nada dela.
- 3.4 O Mendigo despreza os seres humanos que considera ingénuos e destituídos de consciência e pensamentos elevados porque se deixaram dominar. Foram eles que dividiram a terra entre si, a terra que anteriormente não pertencia a ninguém foi dividida, surgiram diversos graus de dependência e diversas classes. Assim surgiu uma sociedade estratificada e a discriminação, beneficiando os governantes e pessoas importantes. O roubo dos seus planos e a acusação que o leva a seis anos de prisão concedem-lhe uma vivência que o leva a interiorizar a exploração a que o povo está sujeito, a corrupção e autoritarismo das autoridades, a injustiça social prevalente. Decide vingar-se da sociedade tirando-lhe o que achava que ela lhe devia. Torna-se mendigo e, desta maneira enriquece, transformado num homem que não se deixa levar nem pelos sonhos nem pelas emoções. É um ser absolutamente racional que responde «Quem raciocina não sofre ...». Para o que não se deixa dominar pelo sentimento, a vida não é triste, porque tira o melhor proveito do que ela lhe propicia.

- 3.5 O Mendigo é a personagem principal da trama, cuja profissão é mendigar como forma de tirar da sociedade o que ela lhe 'roubou'. O Outro é um outro mendigo que começou a pedir no mesmo local em que o Mendigo o fazia, desempenhando a função de discípulo do primeiro.

O Mendigo é um homem desiludido com a sociedade na qual apenas vê interesse próprio e desprezo pelos desfavorecidos. Não vê na esmola algo genuíno, a doação do fundo do coração, vê apenas a crença dos pecadores que na esmola esperam o perdão de Deus e querem garantir a sorte, o bem estar. O Mendigo não crê em Deus, ideia marxista que permeia a obra. É materialista e critica a desigualdade social. O Outro crê que as pessoas dão esmola por sincera pena do esmolante e não por interesse próprio, isto é, como forma ilusória de manterem a felicidade. O Mendigo é o homem experiente, com pensamentos firmes sobre a sociedade, que deseja transmitir e começa a mentalizar o outro mendigo que ali aparecera. Assim o Outro inicia o seu 'estudo' da sociedade com o Mendigo, o mentor, que lhe transmite todas as suas ideias políticas, sociais e económicas.

- 3.6 O Mendigo é um homem desiludido com a sociedade na qual apenas vê interesse próprio, discriminação, imposição e desprezo pelos desfavorecidos. É materialista, ateu, racional, e critica a desigualdade social. Apesar de apregoar a razão como segredo para uma vida feliz, revela-se que vive e ama uma mulher muito mais nova.
- 3.7 A frase «a vida é uma sucessão de acontecimentos inevitáveis» pressupõe fatalismo. 'fatalismo' tem como palavra primitiva 'fatal', cujo étimo latino é 'fatum', que refere destino. Assim, poder-se-á dizer que o Mendigo crê no destino, no caminho já traçado quando se nasce, o que, conseqüentemente, contrasta com o materialismo e raciocínio que diz prevalecer nele. A frase «Pois as desgraças são também inevitáveis» consubstancia a resposta.

OU

PERGUNTA 4

O âmagio da questão requer que os candidatos revelem que entenderam que o drama é uma crítica ao governo militar da extrema direita existente no Brasil, a ditadura, quando a peça de teatro foi escrita.

SECÇÃO C CONTO / SHORT STORY

«O Tesouro» de Eça de Queirós

PERGUNTA 5

- 5.1 Referências temporais: *Mal a noite descesse; A tarde descia, pensativa e doce; Já entre os troncos a sombra se adensava.; Mortos, como? Como devem morrer os Medranhos — a pelejar contra o Turco!*

Ação do excerto passa-se ao fim da tarde e na altura em que os mouros (o Turco) tinham invadido a Península Ibérica.

Referências espaciais: *E quando ali na fonte; Já entre os troncos / Cambaleou até à fonte* – a ação desenrola-se num bosque, como a expressão «Já entre os troncos» aponta, onde uma fonte deixava correr as suas águas.

- 5.2 Guanes, Rostabal, Rui
- 5.3 Crueldade, inveja, ambição, desconfiança, bravios, rudeza, indiferença, despeito.
- 5.4 Os três irmãos vivem nas piores condições de miséria no arruinado palácio dos Medranhos, em condições tão precárias que são comparados a animais selvagens. Na primavera, num passeio pelos bosques, encontraram um cofre cheio de dobrões de ouro, com 3 chaves, uma para cada um deles. Combinaram dividir por igual o tesouro encontrado, porém gerou-se, de imediato, a desconfiança entre os três. Cada um deles ficou com a sua chave. No fim, verifica-se que cada um dos irmãos pensara logo em matar os outros para ficar com todo o ouro. Ironicamente, Rui fica com as três chaves, mas também não sobrevive para gozar a fortuna encontrada.
- 5.5 Rui era considerado o mais inteligente. Manipula Rostabal para que mate Guanes quando este regressasse da vila onde fora comprar um capão e vinho; depois ele próprio mata Rostabal, para poder ficar com toda a riqueza. Porém, sendo tão inteligente, não pensara que Guanes, o menos inteligente dos irmãos, fosse capaz de pensar do mesmo modo que ele e tivesse envenenado o vinho.
- 5.6
- A tarde descia, pensativa e doce, com nuvenzinhas cor-de-rosa. – Personificação da tarde, aqui testemunha do crime que fora cometido, daí estar pensativa, em contraste com os seres humanos. Um lugar mais propício ao descanso e encontro de namorados é palco de um horroroso crime. «as nuvenzinhas cor de rosa» poderão conotar os sonhos desfeitos de cada um dos irmãos, e o contraste com o fratricídio.
 - De repente, tomado de uma ansiedade, teve pressa de carregar os alforjes. – o vinho envenenado começa a atuar, provocando-lhe o desejo de se afastar daquele local o mais depressa possível. Sinal do que se iria passar naquele lugar paradisíaco.
 - Mas a água mais o queimava, como se fosse um metal derretido. – O fogo que sentia dentro de si é comparado a metal derretido, intensificando a dor extrema que Rui sentia, ao ser queimado por dentro. A água não aliviava a dor.

- 5.7 Verbos em sentido crescente enfatizando o sofrimento mortal sentido por Rui; o pretérito imperfeito aponta para uma ação em curso – era → acendera → subia → alastrava → roía → galgava

Os substantivos e os adjetivos que os qualificam são igualmente expressivos: lume vivo → lume, mais forte → chama

Salientam-se os pontos de exclamação que acompanham o espanto de Rui, a quem não ocorrera que Guanes tivesse inteligência para envenenar o vinho para ficar com toda a riqueza.

As reticências da última frase deixam ao leitor a percepção da intensificação de sofrimento de Rui.

OU

PERGUNTA 6

Instruções: indicar a aspereza do local, a miséria em que viviam os três irmãos de Medranhos, a ruína moral dos três irmãos, não havia amor entre eles, nem o mais simples afeto; ao longo do conto há diversos sinais que seriam capazes de tudo para melhorar a sua situação, mesmo à custa da morte de cada um dos outros dois visto terem crescido sem disciplina, sem parâmetros.

A cantiga entoada por Guanes, com referência à cruz da igreja (símbolo de morte, de sangue, de martírio) acompanhada pela expressão «negro luto» é como uma prolepse do que aconteceria: os irmãos matar-se-iam uns aos outros.

SECÇÃO D POESIA / POETRY

PERGUNTA 7

"Presença africana", de Alda Lara

- 7.1 O poema é dedicado à Mãe-África. *Mãe forte da floresta e do deserto, / ainda sou, / a Irmã-Mulher / de tudo o que em ti vibra.*
- 7.2 O poema expressa os próprios sentimentos de Alda Lara, que cursava a universidade em Lisboa e deslocava-se a Angola nas férias. Os versos exprimem a sua ansiedade de revelar que, apesar do afastamento e vivência num outro espaço cultural, ela sente o mesmo amor pela Mãe-África, sente a mesma vitalidade, e identifica-se com o sofrimento do povo angolano, colonizado.
- 7.3 *ainda sou, / a Irmã-Mulher / de tudo o que em ti vibra*
Sim!, ainda sou a mesma. / A do amor transbordando/pelos carregadores do
cais / ... / pelos meninos / de barriga inchada e olhos fundos...
Terra! / Ainda sou a mesma.
- 7.4 *A do amor transbordando / pelos carregadores do cais / suados e confusos,*
/ pelos bairros imundos e dormentes / ... / pelos meninos / de barriga inchada
e olhos fundos...
- 7.5 *a raça escreve a prumo, / a força destes dias...*
me levanto, / ao aceno do teu povo!
- 7.6 *Mãe forte da floresta e do deserto, / ... / A dos coqueiros, / de cabeleiras*
verdes / A do dendém
A do sol bom, mordendo / o chão das Ingombotas...
A das acácias rubras, / Salpicando de sangue as avenidas
- 7.7 Do segundo verso desta estância para o terceiro e deste para o quarto; seguidamente, do quarto para o quinto, deste para o sexto e depois para o sétimo, em que as unidades sintáticas são quebradas completando-se o significado do verso nos versos a seguir. Os Versos indicados leem-se sem pausa no fim dos versos criando-se um ritmo acelerado. O enjambement acompanha e enfatiza a indignação do sujeito poético em relação ao sofrimento dos angolanos: os carregadores transpirados do trabalho, surpreendidos pela avalanche de trabalho; os bairros sem condições de vida em que os angolanos viviam; as crianças «de barriga inchada e olhos fundos...» exprimindo pobreza e tristeza.
- 7.8 Predominam os versos brancos, que, atendendo ao tema do poema, transmitem o desejo de liberdade que o eu poético deseja para o povo angolano, submetido pela colonização.

OU

PERGUNTA 8

"Poema do futuro cidadão", de José Craveirinha

Vim de qualquer parte / de uma Nação que ainda não existe. A Nação que ainda não existe é Moçambique, e o cidadão um moçambicano. O eu poético é o representante de muitas outras vozes que vivem sob a colonização, que tem consciência de que a coletividade unida é importante para a conquista e a consolidação de qualquer espaço de liberdade, neste caso a que ainda não existe porque não é independente.

«O mundo livre ainda não nasceu», é apenas sonho de um futuro cidadão qualquer, que expressa a solidariedade para com os outros futuros cidadãos através do amor que tem para dar às mãos cheias, antevisão de uma futura nação unida e independente que nasce ao mesmo tempo que a nação livre, avançando no caminho de antemão traçado. A exteriorização de sentimentos pressupõe a consciência do que é ser um cidadão entre outros cidadãos que traçam livremente a rota da nova nação independente.

O poema veicula uma mensagem intemporal patenteada pelo indefinido «qualquer», a mensagem poder-se-á aplicar a toda a futura nação privada ainda de liberdade.

Total: 70 marks